

Ano XXIX Nº 353 janeiro de 2019

Menina dos Olhos: partitura poética de Raquel Naveira

Beatriz H. Ramos Amaral

"Com um pouco de sorte, Coloco no cesto Um punhado de traíras, Um pintado de cor lápis-lazúli E uma réstia de sol" (Raquel Naveira, Pesca)

m sua nova obra, Menina dos Olhos. a poeta Raquel Naveira desenha ce ∎nas, fotografa personagens e movimenta ampla desenvoltura e expressividade os recursos rítmicos, fônicos, tônicos e sensíveis que compõem sua música verbal. Engenhosamente, cria uma partitura de minúcias, reflexões, segredos, fadas e vestígios que se desvenda, a cada página, para o leitor sensível e atento, capaz de penetrar cromaticamente nas camadas da construção refinada que a já consagrada autora, também romancista, cronista e mestre, vai erigindo, sílaba a sílaba, com equilibrada alternância de cores, nuances, matizes e brasas.

A coloração dos poemas se enriquece de assonâncias, aliterações e rimas internas que se alternam ou se somam, no painel de mulheres, meninas, em olho-jogo de pincel e câmara-retina. A poética vibrante de ritmo preciso elege temas e personas e com elas convive intimamente, em evocações, mensagens, cartas, diálogos abertos no ilimitado universo da intertextualidade.

Editado pela Penalux, *Menina dos Olhos* é um conjunto de quarenta e quatro poemas e expressiva capa de Karina Tenório, revelando, mais uma vez, a maturidade e a inventividade literária de Raquel Naveira, que passeia por memórias e afetos, cônscia da potencialidade de seus instrumentos e fazendo-os fluir na exata medida das tantas questões que elege como nucleares no quadro temático do livro.

Para exemplificar o modo como a poeta constrói a estrutura de sua música, cite-se o poema Esquilo (página 51), em que a semivogal "i" é repetida e renovada em "esquilo / caminho / segui-lo/ parti-lo / vivo / riste / estilo". Navegando em uma espécie de progressão semântica pelo rio sonoro do "i", em verbos e substantivos, apresenta um fraseado elegante, em que as rimas, (internas ou não) e as assonâncias escolhidas se conjugam para dar ao leitor uma das chaves da obra da festejada poeta e escritora sul-mato-grossense. Identificando-se com o próprio esquilo que nomeia o poema, a autora faz metafórica menção dos instrumentos poéticos afinados — olhos vivos, dentes aguça-



dos e cauda em riste. Assim se mostra a "poeta na eterna busca do próprio estilo". Esta inserção de teor metalinguístico a encerrar o poema, deixa clara a busca de todo artista pelas singularidades de sua voz.

Em Raquel Naveira, a atividade de autora polígrafa, transitando com a mesma naturalidade pela crônica, pelo romance e pelo tecido poético ao qual tanto recorre, sempre inovando e se reinventando, obviamente ensejou o estado de alerta de uma autora/leitora crítica que percorre suas estradas e trilhas em constante atenção e delicadeza, trabalhando a musicalidade, o espectro temático, a concisão, depurando os aspectos sensoriais e abrindo reflexões também de natureza existencial.

O poema Pesca, belíssimo, é uma declaração de afeto ao verbo, à tessitura poética e a bem definidos elementos de sua geografia afetiva – as inigualáveis terras pantaneiras. Eis como Raquel Naveira abre sua "profissão de fé: "Gosto de pescar No Pantanal a pesca é perfeita: Voo rasante das aves, Pés apoiados nas pedras limosas, Nos troncos submersos, Nos tufos de capim; Silêncio pontilhado De vagalumes Em volta de mim"

Neste e em muitos outros poemas do livro, são reafirmados, como temas, cenários abertos que se inserem na matriz de toda a obra da escritora que, não por acaso, já gravou um CD de poesia acompanhada pela extraordinária craviola da compositora e cantora Tetê Espíndola. Instrumentos afins, vozes em harmonia, ideias similares e desenhos contrapontísticos erigindo um panorama estético de rara beleza.

Pensar a poesia de Raquel Naveira é mergulhar, para sempre, em sua *Menina dos Olhos*, onde tesouros, borboletas, lagartas, conchas, cometas, jardins e jardineiros, figuras, gaita de fole, ondas e asas se reúnem na polifonia de sua ampla rede de associações, memórias e teias geo-afetivas.

Na rica partitura verbal de sua poética, Naveira, autora muitas significativas obras em distintos gêneros literários (entre as quais *Abadia, Casa de Teclas, Quarto de Artista, Mar de Rosas*), revisita Rimbaud e Neruda, dialogando com o segundo, em longa carta aberta, onde lhe pede ajuda, abre o peito e navega pela "absurda liturgia" do tempo.

Nada desborda ou transborda na enxuta poesia de Raquel Naveira. Até mesmo ao tratar de um de seus temas recorrentes, qual seja, a religiosidade, ou ao traçar um quadro de uma professora querida (Professora Glorinha), não permite qualquer desvio ou excesso. A concisão e o engenho se mantêm intactos e as peças musicais, breves ou longas, deixam transparecer o perfeito domínio da autora sobre a palavra. Poemas breves como Regina, Relógio, Esmeralda, Topázio são claros e eloquentes exemplos da singularidade de tom preciso com que a autora esculpe sua nova obra. Estrelas, mares, silêncios e celeiros seguem, unidos, entrelaçados pela linha vibrante da busca. Âmago de toda frase poética, a menina dos olhos retém somente o que deve ser retido: a literatura de muitas grandezas de Raquel Naveira, partitura sinfônica para uma orquestra de infinitos.

Beatriz H. Ramos Amaral é ensaísta, escritora, Mestre em Literatura e Crítica Literária. Autora de Alquimia dos Círculos, Os Fios do Anagrama, Peixe Papiro, entre outros. Página 2 - janeiro de 2019

Ministério da Cultura foi extinto pelo Presidente Jair Bolsonaro, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, pela Medida Provisória Nº 870, de 1 de janeiro de 2019, que estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios (Art. 1º).

Conforme Inciso XXIV - Cooperativismo e associativismo urbanos, Art. 24, integram a estrutura básica do Ministério da Cidadania: I - a Secretaria Especial do Desenvolvimento Social; II - a Secretaria Especial de Cultura.

Segundo o Art. 57, da Transformação de órgãos, ficam transformados: II - o Ministério do Desenvolvimento Social, o Ministério da Cultura e o Ministério do Esporte no Ministério da Cidadania.

Dos países que fazem parte do BIRCS - Brasil (Secretaria Especial de Cultura), Índia (Ministério da Cultura), Rússia (Ministério da Cultura), China (Ministério da Cultura e Turismo) e África do Sul (Ministério de Arte e Cultura) -, o Brasil é o único que não tem Ministério da Cultura.

Dos 20 países que compõem a América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras - Direcção Executiva de Desporto / Cultura e Artes -, Estados Unidos Mexicanos, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), somente o Brasil não possui Ministro da Cultura.

Ministério da Cultura

O Ministério da Cultura - MinC foi criado conforme Decreto nº 91.144, Brasília, DF, em 15 de março de 1985, assinado e sancionado pelo Presidente José Sarney. O MinC passou a ser responsável pelas letras, artes, folclore e pelo patrimônio histórico, arqueológico, artístico e cultural do Brasil.

O Ministério da Cultura foi transformado em Secretaria da Cultura, diretamente vinculada à Pre-

Adeus, MinC...

Rosani Abou Adal

sidência da República, pelo Presidente Fernando Collor de Mello, em 12 de abril de 1990. Após o Impeachment de Fernando Collor, Itamar Franco assumiu a presidência e sancionou a LEI N° 8.490, DE 19 de novembro de 1992, que transformou a Secretaria da Cultura em Ministério da Cultura, Artigo 21. O Artigo 23 criou o cargo de Ministro de Estado da Cultura.

Presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Medida Provisória 813, de 1º de janeiro de 1995, Capítulo II, Dos Ministérios, Seção I, Da Organização, VI, Artigo 13, que instituiu o Ministério da Cultura. Depois foi transformada na Lei 9.649, de 27 de maio de 1998, que definiu a estrutura do Ministério da Cultura, Seção II, Das Áreas de Competência, VI, Ministério da Cultura, a) política nacional de cultura e b) proteção do patrimônio histórico e cultural; Seção IV. Dos Órgãos Específicos, V. do Ministério da Cultura; além do Conselho Nacional de Política Cultural, da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura e da Comissão de Cinema, até quatro Secretarias.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o Decreto nº 4.805, de 12 de agosto de 2003, cuja EMENTA: "Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e Funções Gratificadas do Ministério da Cultura, e dá outras providências.". Publicado no Diário Oficial da União, Seção 1, 13/8/2003, pág.1.

O MinC passou a ter a seguinte estrutura: Ao Ministro foi subordinada uma Secretaria Executiva com três diretorias (Gestão Estratégica, Gestão Interna e Relações Internacionais), seis Representações Regionais (nos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo) e seis Secretarias: Fomento e

Incentivo à Cultura, Políticas Culturais, Cidadania Cultural, Audiovisual, Identidade e Diversidade Cultural e Articulação Institucional.

Em 12 de maio de 2016, o Presidente Michel Temer extinguiu o Ministério da Cultura. Interino em exercício, o Vice-Presidente da República Michel Temer, conforme Artigo 1°, V, da MEDIDA PROVISÓ-RIA Nº 726, de 12 de maio de 2016, com força de Lei, que alterou e revogou as normas da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, e alterou a organização da Presidência da República e dos Ministérios, no uso das atribuições que lhe conferem os Artigos 79 e 62 da Constituição. Foi publicada no Diário Oficial da União, Ano CLIII, Nº 90-B, Brasília -DF, de quinta-feira, 12 de maio de 2016.

No dia 23 de maio de 2016, o Presidente da República em exercício, o Vice-Presidente da República Michel Temer, assinou a Medida Provisória Nº 728, com força de lei, que recriou o Ministério da Cultura (Artigo 27, IV) e o cargo de Ministro de Estado da Cultura (Art. 3º). Fica declarada a recriação dos cargos de: I - Ministro de Estado da Educação; II - Ministro de Estado da Cultura). O Ministério da Educação e Cultura voltou a ser denominado de Ministério da Educação.

Ministros da Cultura

Governo José Sarney: José Aparecido de Oliveira (15 de março de 1985 a 29 de maio de 1985), Aluísio Pimenta (30 de maio 1985 a 13 de fevereiro de 1986), Celso Frutado (14 de fevereiro a 28 de julho de 1988), Hugo Napoleão do Rego Neto (28 de julho de 1988 a 19 de setembro de 1988) e José Aparecido de Oliveira (19 de setembro de 1988 a 14 de março de 1990).

Governo Fernando Collor: Ipojuca Pontes (14 de março de 1990 a 10 de março de 1991) e Sérgio Paulo Rouanet (10 de março de 1991 a 2 de outubro de 1992), Secretários da Cultura da Presidência da República com a extinção do Ministério da Cultura no seu governo.

Governo Itamar Franco: Antônio Houaiss (2 de outubro de 1992 a 1 de setembro de 1993), Jerônimo Moscardo (1 de setembro de 1993) a 9 de dezembro de 1993) e Luiz Roberto Nascimento da Silva (15 de dezembro de 1993) a 31 de dezembro de 1994).

Governo Fernando Henrique Cardoso: Francisco Weffort (1 de janeiro de 1995 a 31 de dezembro de 2002).

Governo Luiz Inácio Lula da Silva: Gilberto Gil (1 de janeiro de 2003 a 30 de julho de 2008) e Juca Ferreira (30 de julho de 2008 a 31 de dezembro de 2010).

Governo Dilma Rousseff: Ana de Hollanda (1 de janeiro de 2011 a 13 de setembro de 2012), Marta Suplicy (13 de setembro de 2012), Ana Cristina Wanzeler - Interina (13 de novembro de 2014) a 31 de dezembro de 2014) e Juca Ferreira (1 de janeiro de 2015 a 12 de maio de 2016)

Governo Michel Temer: Marcelo Calero (24 de maio de 2016 a 18 de novembro de 2016), Roberto Freire (18 de novembro de 2016 a 22 de maio de 2017), João Batista de Andrade (interino, 22 de maio de 2017 a 24 de julho de 2017) e Sérgio Sá Leitão (25 de julho de 2017 a 31 de dezembro de 2018).

O Ministério da Cultura foi extinto pelo Presidente Jair Bolsonaro e transformado em Secretaria Especial da Cultura e passa a integrar o Ministério da Cidadania. Henrique Medeiros Pires é o Secretário Especial da Cultura.

Adeus, Ministério da Cultura.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. www.poetarosani.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - <u>www.linguagemviva.com.br</u>
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760 Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00 Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil -Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Página 3 - janeiro de 2019

Memória e Linguagem

Emanuel Medeiros Vieira

uero falar da memória não como algo mecâni co, mas como base de toda a identidade.

Memória como instrumento de justica e de misericórdia.

Não por acaso, na mitologia grega, Mnemosina, a memória, é a mãe das Musas, ou seja, de todas as artes, do que dá forma e sentido à vida.

Sim, ela protege a vida do nada e do esquecimento.

A literatura não deixa de ser (também) um instrumento de transfiguração de um momento (eternizar a memória).

Uma busca de perenizar o instante para convertê-lo em sempre.

O ato da lembrança é ao mesmo tempo caridade e justiça para as vítimas do mal e do esquecimento.

Muitas vezes, indivíduos e povos desapareceram no silêncio e na escuridão.

Muitos devem se lembrar das ditaduras que, apagando as fotografias dos banidos querem, em verdade, apagar a sua memória.

A memória é resistência a um tipo de violência: àquela infligida às vítimas do esquecimento.

A memória é o fundamento de toda identidade, individual e coletiva

Guardiã e testemunha, a memória é também garantia da liberdade.

A linguagem é edificada para a construção dos textos que querem eternizar nossa brevidade, a nossa finitude

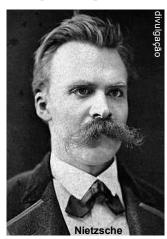
Como observa a filósofa e historiadora, Regina Schöpke, "quanto mais inconsciente ou subliminar é a linguagem, mais fortemente ela age sobre nós, mais ela nos domina e nos dirige."

Os filósofos e filólogos sabem

Estes últimos, veem nela não apenas uma ferramenta da razão para dar conta do mundo, mas, sobretudo, uma segunda natureza.

"Algo que, de certa forma, produz o mundo, e não apenas o representa", como observa a autora citada

Os gregos já enfrentavam a



Nietzsche – que além de filósofo era também filólogo – chamava esse universo da linguagem de "duplo afastamento do real", de "segunda metáfora".

Porque aí os homens lidavam com conceitos e não apenas com o mundo em si.

A linguagem pode ser instrumento de dominação, estimulando um preconceito racial, como fizeram os nazistas, alimentando o fanatismo e o preconceito, gerando um horror como raramente (ou nunca) se viu na História.

Todo sistema com ambições totalitárias, como detectou a pensadora, tem necessidade de produzir um discurso, uma mitologia e palavras de ordem.

É um exercício mental doloroso, mas assim a gente pode entender como uma cultura que produziu tanta beleza com Goethe, Beethoven, Nietzsche, Hegel, Wagner e outros, tenha mergulhado, com o nazismo, na mais profunda irracionalidade, onde o Mal apareceu com toda a sua força, ou melhor, em toda a sua plenitude.

Tento meditar sobre esses assuntos, entre outras razões, porque a falta do estudo da filosofia para quem tem menos de 60 anos, criou um tremendo vácuo cultural.

Fundou-se o universo utilitário, da posse imediata. Só vale o que tem valor contábil.

Faço minha a proclamação de Michel Foucault: "Não se apaixone pelo poder."

> Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

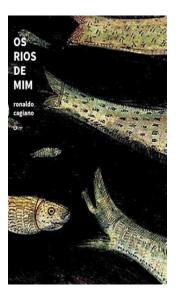
O ENCONTRO DA BELEZA

Álvaro Alves de Faria

O poeta e escritor brasileiro Ronaldo Cagiano conhece seu ofício de escrever, de percorrer palavras em versos que marcam e poemas que atravessam a memória. Prova disso é este belo Os rios de mim, uma reunião de poemas que tem ao fundo Cataguases, em Minas Gerais, no Brasil, a cidade onde nasceu que vive em sua lembrança. Basta citar um verso de um poema no final do livro: "A viagem ao passado nunca regressa". O livro de Cagiano é uma viagem que salta de Cataguases e percorre sua poesia por muitos outros lugares do mundo e também pelas ruas rudes de São Paulo, onde vive toda a angústia.

Não é à toa que Ronaldo Cagiano escolheu versos de Fernando Pessoa para sinalizar seus poemas ao leitor: "Entre o que vive e a vida/ para que lado corre o rio?". No caso de Cagiano, tratase do rio de Cataguases, a exemplo do rio da aldeia de Pessoa. O poeta adianta que velhas histórias vão no leito desse rio de sua cidade. No fundo, toda a paisagem de Cataguases, que o poeta atravessa nostálgico de si mesmo, a colher as imagens que pertencem à sua vida, seus cardumes de solidão.

Conversando num poema com o poeta Murilo Mendes, Cagiano diz que a poesia está em pânico. É verdade. Mas, no seu caso, um pânico de encantamento, se é que cabe a expressão, de envolvimento com a poesia num mergulho profundo a descobrir ainda o que viveu e ainda vive. Cagiano revela em *Os rios de*



mim o grande poeta que é, exatamente quando a poesia está em falta, pelo menos aqui no Brasil.

Um poeta que não cede a qualquer tipo de facilidade e segue com passos firmes em busca dessa poesia necessária à vida dos seres humanos. Poemas de fina elaboração, de palavras corretas no devido lugar de sua narrativa poética de absoluta qualidade. Eis um livro de poesia que merece respeito. Um livro que contém versos assim: "Não há metáfora possível/ no cativeiro da fé". É o encontro da Beleza.

Álvaro Alves de Faria é crítico, jornalista e escritor paulista. Detentor de diversos prêmios, entre os quais, o mais recente, "Prêmio Alceu Amoroso Lima – Poesia Liberdade", conferido pelo conjunto da obra pela Universidade Cândido Mendes (RJ).

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

Página 4 - janeiro de 2019

Matadouro de Vozes, novo livro de poemas de Ronaldo Costa Fernandes

Wilson Pereira

onaldo Costa Fernandes é nome de destaque na literatura de Brasília. Mas é escritor de voos mais altos, com incursões, inclusive, internacionais. Autor de seis romances, cinco livros de poesia, dois de ensaio e uma novela, já conquistou importantes prêmios literários, entre os quais se destaca o importante Casa de las Américas, concedido ao romance *O morto solidário*, que teve edição em espanhol, em Cuba, e, em português, pela editora brasileira Revan.

Agora, cumpre-nos saudar o lançamento de um novo livro de poemas do autor, sob o título de *Matadouro de Vozes*, que vem reafirmar a excelência de sua produção poética.

A poesia de RCF distingue-se por uma dicção própria, com traços deveras singulares de uma expressividade surpreendente, que provoca, de imediato, o espanto e o impacto estético no leitor. Ao buscar aproximar e articular elementos concretos e abstratos, muitos dos quais de significados aparentemente incompatíveis, o poeta constrói um tecido metafórico com extraordinários efeitos semânticos e poéticos. É o que se nota em versos como os seguintes: "Penduro um século/ na parede do escritório.// As paredes/ transformam tudo em acude" (do poema "Muro das Lamentações" p. 14). Outro exemplo, de desconcertante sugestividade: "Meus pensamentos/ começam a criar escamas/ e salgam as palavras" (do poema "Réquiem do domingo, p. 15). E ainda este dístico, de súbita sutileza: "Pobre daquele que se imagina incólume,/ perdido em seu casaco de êxta-(do poema "Quarto de despejo, p. 40).

Essa estranha e insistente tecitura metafórica pode causar, à primeira vista, a impressão de uma poesia sofisticada, de difícil fruição e entendimento. No entanto, o propósito do autor é o de provocar, ainda que pelo estranhamento, a decifração de sentidos imprecisos e imersos na linguagem poética. E a poesia, como outras obras de arte, procura criar sua carga expressiva fugindo ao convencional. Nesse sentido, a poesia de RCF estabelece uma sintonia fina com a sensibilidade aguçada e inteligente do leitor.

Segundo Ezra Pound (em ABC da Litera-



tura), "literatura é linguagem carregada de significados. E boa literatura é linguagem carregada de significados ao máximo grau". O poeta RCF tem consciência de sua arte e, por isso, procura criar uma poesia de configuração inovadora, sem ser, no entanto, extravagante ou árida. Assim, seus poemas, ao invés de se fecharem num hermetismo insípido, estampamse num malha metafórica que possibilita múltiplas e inusitadas leituras.

Apesar do teor de poeticidade cifrada e incomum, os poemas de *Matadouro de Vozes* estão permeados de implicações semânticas que remetem à uma postura do homem diante do outro e das coisas, de um modo ver e de viver, de ser e estar no mundo. A esse propósito, vejamos o poema:

Esquinas e dobradiças (p. 34)

Somos sempre hóspedes. A vida é uma hospedagem. A poeira ruiva cobre os móveis, as dobradiças são esquinas aprisionadas na porta do transitório.

Aliás, o poeta expressa sua angústia no poema "Remédio do Mundo" (p. 22), do qual copiamos apenas a última estrofe:

"Mesmo sabendo/ que o remédio/ não remedia/ a dor de estar no mundo."

Mesmo num poema como "Elevadores" (p. 20), cujo título pode pressupor a descrição do instrumento de transporte de edíficios, ou considerações acerca de sua função, o poeta ex-

trai ilações diversas, desde a ironia à insinuação metafísica, que se pode abstrair dos últimos versos:

Elevadores

É um estômago de ferro que devora e vomita todos na barriga da baleia em sua viagem vertical.

Em que andar descerei quando chegar a minha hora? No térreo das poucas ideias? Na planta baixa da arquitetura do marasmo?

Ou arranharei os céus com a hipótese das ascensões?

A metáfora é a figura de linguagem que rege a poesia. E RCF é pródigo na criação delas. Vejamos alguns exemplos:

"Encontraremos o clarinete dos uivos/ antes de aborrecer as paredes."

"Cai uma chuva/ de pingos que exclamam/ e chaves de interrogação/ que não encontram/ a resposta das portas. (do poema "Flauta", p. 17)

"Tenho o temperamento das especiarias/ Cravo os dentes na manhã." (do poema "As Janelas, p. 37)

"De todos os sabores,/ o mais forte é a lembrança. (do poema "Diálogo das Asperezas, p. 16)

"E a retina recolhe o lixo de luz dos espelhos." (do poema "As janelas", p. 37)
"Uma árvore delgada/ espicha seu pesco-

"Uma arvore delgada/ espicha seu pescoço/ para ver/ além da cerca da imaginação." (do poema "O inglorioso das horas", p. 36)

Enfim, o poeta não é arauto de dogmas e de verdades, nem provedor de certezas. Antes, é semeador de dúvidas, criador de irrealidades, de miragens e de oásis no deserto dos silêncios. É com essa perspectiva que se deve ler os poemas de *Matadouro de Vozes*, desse ousado e criativo poeta, que é Ronaldo Costa Fernandes.

Wilson Pereira é poeta, contista, cronista, ensaísta e autor de livros infantojuvenis.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - Cel.: 97382-6294 soninhaabou@gmail.com

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br Página 5 - janeiro de 2019

PAISAGEM

Napoleão Valadares

A serrania que se não descreve tinha, mais altos, dois rochedos meio ensolarados e imponentes (leve inclinação), que eu avistava em cheio.

Embaixo, o vale – vastidão sem freio –, que deve os homens encantar e deve encantar deuses, pôr em devaneio os que o contemplam, num enlevo breve.

Em meio à luz, um fundo escuro (havia umas baixadas). E a luz novamente tomava conta da amplidão. Eu via

uma floresta num pequeno monte, depois uma descida e, logo à frente, quebradas, uns relevos e uma fonte.

(Premiado no Concurso Literário Yoshio Takemoto)

Napoleão Valadares é escritor, poeta, advogado, ex-presidente da Associação Nacional de Escritores e membro Academia Brasiliense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

COM UM MURRO DE CALOR

Ernani Fraga

dentro do silêncio depois do incêndio dos teus olhos um grito sem som me morde com um murro de calor

e eu.

na noite da praia e do porto, enterro as mãos nos bolsos, no mar, na vida, no tempo e nas terras onde nunca poderei ir às três horas da manhã à tua procura

porque
tua ausência
feita um vôo de pombo
que se assusta numa praça
quebra-me o braço, uma perna,
o abraço na brisa do Atlântico,
represa-me, aprisiona meus olhos
e meu coração como um girassol reviverá
pela eternidade
Van Gogh

Ernani Fraga é escritor, poeta, advogado, ator e teatrólogo. Autor de *Ponte Necessária e Vermelho* (poesia), *O Caos das Coisas* (peça teatral), entre outros livros.

desobediência

Akira Yamasaki

que todas as ruas de todas as cidades ardam incendiadas no fogo da desobediência

que todas as casas de todas as ruas de todas as cidades ardam incendiadas no fogo da desobediência

que todos os bairros de todas as cidades de todos os estados do país ardam incendiados no fogo da desobediência

que todos as palavras de todos os poetas de todas as cidades do país ardam incendiadas no fogo da desobediência

Akira Yamasaki é escritor, poeta, agitador cultural e um dos idealizadores do Movimento Popular de Arte (MPA), de São Miguel Paulista. Atua como liderança nas ações do Espaço Cultural Casa Amarela. Autor dos livros/cd's de poemas bemtevi, itaim e Oliveira Blues.

blogdoakirayamasaki.blogspot.com

Mãe Stella de Oxossi

Cyro de Mattos

A estrela dorme, Revela-se sem transe. É feita de cantos, Bênçãos e passes.

Grandes cinzas Consomem os filhos. Os atabaques mudos Da estrela, profundos.

Oxossi está nela, Atira na treva. À mata da morte O arco e a flecha.

O mundo entardece, Tudo sopra o vento. Do jeito que pende Abana o mito.

Velas da África Deslizam nas rezas. São os rostos tristes Do candomblé na Bahia.

Cyro de Mattos é escritor, poeta, advogado, Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia) e membro da Academia de Letras da Bahia e do Pen Clube do Brasil.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1.www.deboranovaesdecastro.com.br, LÍVROS.

2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122

- Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Página 6 - janeiro de 2019

família decidiu que eu preciso de acompanha mento, que seria temeridade continuar vivendo sozinha, expondo-me à violência urbana; que idosa necessita da família pertinho, assim me comunicaram. Então, submissa e confiante, abaixo a cabeça e obedeço. Na minha geração, as mulheres sempre obedecem: primeiro ao marido e agora, na viuvez, aos filhos. Não houve chance de ponderar, de debater ou recusar. Não perguntaram sobre minha vontade. Então...

Abandono o mar prateado pelo luar, feito de pedrinhas de brilhantes na faixa delimitada como um caminho celeste, pequena no horizonte, que se alarga ao chegar perto de mim. Encanta-me os passeios noturnos, devagarinho, amparada pela bengala amiga. Caminhadas pequenas, em frente ao edifício onde moro na orla. Nunca experimentei ameaça alguma sob holofotes potentes acesos escandalosamente, que até atrapalham o luzir da réstia projetada da lua cheia sobre o mar barulhento. Eu adoro a melodia repetitiva do marulho que ecoa audaciosa pelo meu quarto, mas meus algozes me obrigam a subir a serra em direção às montanhas do interior do país.

Gente! Lá não existe o odor de maresia instalado em minhas narinas, inalado durante setenta e tantos anos! Isso me extrai lamentos silenciosos do fundo da alma. Sair da praia! Horrível! Uma cruz!

Levam-me, crentes de estar agindo para o meu bem. Escondo como posso as lágrimas inconvenientes, pois não quero constranger meus sequestradores. Desejo que o rapto transcorra o menos traumático possível. Afinal, eu os gerei e os amo ainda...

Um sentimento de culpa aflora junto ao derradeiro olhar nas ruas percorridas pelo carro com chapa 'estrangeira". Tem sabor de "nunca mais". que amarga minhas glândulas salivares sempre ávidas por doçuras. Culpa, por não haver deixado pegadas no lugar onde nasci, como se as areias inconsistentes as apagassem de propósito. Será que se lembrarão de uma reles dona de casa, dedicada exclusivamente ao lar? Uma presença na cidade, dispensável, praticamente invisível? Um "já foi tarde" será dito e comentado pelos moradores do meu pré-

- Tomara que não! – desejo com meus botões.

MARÉ BAIXA

Lóla Prata

Texto laureado com o 1º Prêmio Literário

para Pessoa Idosa, promovido pelo Ministério dos Direitos Humanos, Secretaria

Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa e Coordenação-Geral de

Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa.

Talvez as irmãs Clarinha e a Bernardete continuem tricotando as roupinhas de nenê, que aprenderam comigo, para os enxovaizinhos da Creche Colibri; tornaram-se ótimas artesãs, contribuem até para a despesa da casa, me disse a mãe delas!

Vou sentir falta da água de coco da barraquinha do Joaquim, bebida estupidamente gelada, que toda vez repetia a pergunta se eu não iria ficar gripada, tomando gelado sob aquele sol brabo. Me obrigava a repetir que só ia me fazer bem; era idosa, mas vacinada e saudável. Ele era grato pela sugestão lhe dada há muitos anos: que comprasse umas cadeiras plásticas e as

oferecesse aos fregueses costumeiros, onde se sentariam sossegados e abrigados por um guarda-sol para con-

sumirem muitos cocos... com umas empadinhas de camarão que eu lhe forneceria e dividiríamos o lucro. Fui sócia do português por alguns meses. Cansada das empadinhas, ensinei à esposa dele todos os segredos, e ela assumiu a lida. O homem tem casa e carro, vejam só; no começo era uma carrocinha mambembe pra chuchu. Eu comprei com meu lucro, várias coisas boas e outras totalmente inúteis.

Por causa da mudança, doei tudo à instituição dos idosos com Alzheimer. Não carrego nada além de roupas e objetos pessoais. Meus condutores vão descobrir que uso dentadura, que gasto muito com remédios, que tenho incontinência urinária leve, mas chatíssima, que tenho mania de comer balinhas, ai, ai, morar sozinha sem dar satisfação a ninguém, é ótimo! Acabou meu sossego e minha privacidade. Quanta vergonha vou sentir! Espero que me alojem num quarto com banhei-

ro particular para que eu possa fazer a higiene sem empatar horário de ninguém e não causar constrangimento aos da casa.

Ai, que nostalgia! Viagem cansativa até meu esconderijo ou presídio ou reclusão, chamem como quiserem. Vou morrer logo, em terra estranha...

E pensar que nada fiz por aqui, a fim de melhorar minha comunidade! Deus me perdoe!

A senhora do apartamento 51, essa sim, tenho certeza de que não esquecerá de mim. Era tão brava, tão revoltada, tão desgostosa de tudo, que resolvi abrandá-la com gentilezas de vizinha. Volta e meia, levava-lhe duas empadinhas. Se le-

vasse mais, recebia um xingamento de "exagerada". Se a presenteasse com uma

só, seria "egoísta". Uma ocasião, consegui que me acompanhasse à praia para apreciarmos artistas em execução de esculturas na areia. Ela adorou a performance e ao perceber o nosso cansaço, o Joaquim nos brindou com cadeiras e sombra. Maravilha! Daí ela deslanchou a andar pelos jardins floridos bem cedinho e essa prática foi lhe amenizando os desafios da vida! Nem exigia mais minha companhia, ficou confiante em si mesma, lépida e firme nos seus oitentinha de idade.

Que o zelador Noreco de 20 anos, primeiro emprego digno, passe os tempos de adolescência longe da turma das drogas e continue trabalhador. Uma vez o escondi em meu apartamento quando vi a *gang* de desocupados esperando-o na saída do turno. Chamei-o para uma conversa séria, servi-lhe um jantarzinho, acomodei-o no quartinho dos fundos, tudo para impedir que participasse de coisa

malparada. Tornou-se meu amigo e confidente, até para assuntos do coração. Eu fiz o que pude para analisar as garotas com quem se enrabichava. Que ele fique bem!

E agora, para quem vou escrever e ler minhas poesias? Estão me levando para o cafundó do judas, não conheco ninguém nem quero conhecer! Vou criar versos para quem (?), se meu grupo de rimadores está permanecendo na praia? Se a sociedade de poetas que iniciei no bairro vai naufragar sob as ondas? Eles vão esquecer da fundadora e dos ideais tão promissores que visualizamos, certamente, pois era eu quem os incentivava a ler e estudar mensalmente um livro decente, literário, para discutirmos... Tirei muitos da frente da televisão...

E quanto palavreado nós criamos entre gargalhadas, imitando e um pouco caçoando de Guimarães Rosa e centenas e mais centenas de criações em trovas metricamente rimadas que treinávamos, chapinhando no rasinho das marolas? Meu coração é temperamental, gosta de ócio para criar versos, uma certa soledade compartilhada.

Nunca mais irei chorar no banho de mar cujas águas salgadas, tão amorosamente tomavam e confundiam as minhas lágrimas?

Bem, também não houve tempo de despedir-me de Adelaide e dos alunos seniores de surfe, pois apenas se reúnem no sábado. Arrastei Adelaide para as aulas patrocinadas pela Prefeitura e assim, ela libertou-se de uma depressão malvada, substituindo a solidão pelo esporte marítimo; nunca conseguiu ficar de pé na prancha; suas pernocas claudicantes lhe negam a postura ereta, mas ela se diverte e diverte a todos: sobe, cai, mergula. sobe. cai etc.

Adeus, marés volúveis, adeus apitos dos navios, desculpem-me!

Puxa vida, que vida, pobre da minha vida, vida miserável, abandonar a cidade no fim da vida, ainda mais, nessa retrospectiva que faço na velhice, a derradeira e cruel avaliação: não realizei nada, não me realizei, não realizei nenhuma outra pessoa, sou um zero à esquerda.

Quero morrer!

Lóla Prata é escritora, poeta e fundadora da Seção de Bragança Paulista da União Brasileira de Trovadores. Idealizadora e fundadora da Associação de Escritores de Bragança Paulista.

Rosani Abou Adal

Seus poemas foram traduzidos para o francês,

inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego. www.poetarosani.com.br

Página 7 - janeiro de 2019

UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES -SEÇÃO SÃO PAULO -

Concurso Anual de Trovas - 2018

Trabalho Vencedor, agraciado com Medalha e Diploma, em 11 de novembro de 2018.

Débora Novaes de Castro

Desafio

Aos desafios da vida, sonhos, trabalho, esperança e a seara embranquecida, coroa a perseverança!

Trapaça

Voz corrente que a trapaça, hoje em dia, é manifesta; a política ergue a "taça", e "de quebra", faz a festa!

Débora Novaes de Castro (Débora de Castro) é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC-São Paulo, 2004.

www.deboranovaesdecastro.com.br

VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

Livraria Asabeça - www.asabeca.com.br
Link direto: http://www.asabeca.com.br/
detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl=_-VIVAO-BRASIL--Odette-Mutto-_&kb=669#.WUFpcFXyuM8

Livraria Cultura -

www.livrariacultura.com.br

Livraria Martins Fontes Paulista www.martinsfontespaulista.com.br

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br Link direto: http://www.ciadoslivros.com.br/ viva-o-brasil-contos-745138-p627207



Livros

Os estigmas místicos e a psicanálise: um diálogo, de Ario Borges Nunes Junior, Edições Fons Sapientiae, Distribuidora Loyola de Livros, 168 páginas, R\$ 39,90, São Paulo (SP).

ISBN: 9788563042613

O autor é psicanalista, doutor em Psicologia Social, pela Universidade de São Paulo, e doutor em Direito Canônico pela Pontificia Universidade Lateranense. Autor de Êxtase e clausura: sujeito místico, psicanálise e estética e Relíquia: o destino do corpo na tradição cristã, entre outros livros.

Uma obra, que segundo o prefaciador – Luiz Felipe Pondé, filósofo e professor –, mostra como a psicanálise e a teologia mística podem dialogar de forma rica e elegante.



Edições Fons Sapientiae: www.fonssapientiae.com.br
Guilherme Loureiro (assessor de imprensa):
guilhermeloureiro.imprensa@uol.com.br



Janela da Liberdade e outras histórias, de Hildebrando Pafundi, 2ª edição, Coopacesso - Cooperativa de Trabalho Acesso Cultural Educacional Sustentável Solidária, 60 páginas, Santo André (SP).

ISBN: 978-85-69992-45-5.

A capa e as ilustrações são de Alex Alves de Souza.

O autor é escritor, jornalista, contista e cronista. Exerceu o cargo de Assessor do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá e assessorou o Sindicato dos Empresários Gráficos do Grande ABC. Colaborou nos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde.

A obra, em segunda edição ampliada com desenhos para colorir, reúne quatro contos que levam o leitor a uma viagem

fantástica ao universo da criança.

Coopacesso: www.coopacesso.org



Página 8 - janeiro de 2019

Napoleão Valadares, escritor mineiro radicado em Brasília, foi premiado no Concurso Literário Yoshio Takemoto, na categoria poesia em língua portuguesa, com o soneto "Paisagem". Os trabalhos serão publicados na edição especial da revista *Brasil Nikkei Bangaku*, nº 61, marco de 2019.

Lóla Prata foi agraciada com o 1º Prêmio Literário para Pessoa Idosa, em primeiro lugar nacional entre 25 finalistas, com o texto MARÉ BAIXA, sobre "Memórias do lugar onde eu vivo". O prêmio foi promovido pelo Ministério dos Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa e Coordenação-Geral de Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa.

A Fundação Nacional de Artes publicou a edição do Dicionário Técnico da Fotografia Clássica, do fotógrafo, pesquisador, crítico de fotografia, curador e professor Pedro Karp Vasquez. A obra abriga mais de mil verbetes e cataloga câmeras e aparatos, instrumentos ópticos, produtos e recursos. cedoc.funarte.gov.br/sophia web/

A Editora da Universidade Federal de São Carlos lançou Eu ainda sou crianca - Educação Infantil e resistência, organizada por Maria Walburga dos Santos, Cleonice Maria Tomazzetti e Suely Amaral Mello. A obra apresenta palestras e conferências apresentadas no VII Congresso Paulista de Educação Infantil e no III Seminário Internacional de Educação Infantil, realizados em 2015, com o tema "Eu ainda sou crianca - Educação Infantil e resistência: os lugares das infâncias na educação e nas lutas políticas". www.edufscar.com.br.

A Editora UNESP, em coedição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, lançou A técnica do livro segundo São Jerônimo, de Dom Paulo Evaristo Arns.

Luiza Mussnich, jornalista e escritora, lançou *Para quando faltarem palavras*, minilivro de poesia, pela Editora 7 Letras.

A Companhia das Letras lançou o Último caderno de Lanzarote do escritor, jornalista, editor e Prêmio Nobel de Literatura José Saramago (1922-2010). A obra abriga diário inédito de Saramago escrito, durante o ano em que recebeu o Nobel de Literatura, em 1998. Também disponibiliza o volume Um país levantado em alegria, do jornalista Ricardo Viel, sobre a recepção do prêmio em Portugal e no mundo.

Notícias

A Biblioteca Pública do Paraná concluiu a terceira etapa de modernização de sua sede, iniciada em 2011, para melhorar as instalações e ampliar os serviços oferecidos. Foi inaugurado um novo espaço para as obras raras do acervo que conta com 3.837 títulos.

O IV Prêmio Cepe Nacional de Literatura e o I Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Juvenil laurearam Pedro Veludo, na categoria romance, com o livro O filho das viúvas; Stephanie Caroline da Silveira Borges, poesia, com Talvez precisemos de um nome para isso; Helder Herik Cavalcanti Soares, infantil, com Criançaria; e Gael Rodrigues, juvenil, com A menina que engoliu o céu estrelado.

A Obra de Monteiro Lobato entrou em domínio público no dia 1 de janeiro de 2019. Escritor, ativista, diretor, editor, tradutor e produtor nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté (SP). Faleceu em 4 de julho de 1948, em São Paulo (SP). Autor de A menina do narizinho arrebitado (livro raro que foi publicado em 1920), Sítio do Pica Pau Amarelo, Emília no País da Gramática, Urupês, Cidades Mortas, entre outras importantes obras.

A Associação Paulista de Críticos de Artes laureou na categoria Literatura, Romance/Novela, Juliana Leite, com Entre as mãos; Contos/Crônicas, Reserva natural, de Rodrigo Lacerda: Poesia. Nenhum mistério, de Paulo Henriques Brito; Tradução, Sobre isto, de Vladímir Maiakóvski, por Letícia Mei; Ensaio, Antonio Carlos Secchin, com Percursos da poesia brasileira; Biografia, Luís Cláudio Villafañe G. Santos, com Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco: Infantil/Juvenil/Quadrinhos, Bianca Pinheiro e Greg Stella, com a HQ Eles estão por aí. Lucio Costa foi agraciado com o Grande Prêmio da Crítica com a nova edição de Registro de uma vivência (Éditora 34/ Edicões SESC), autobiografia com textos. cartas, croquis, desenhos e fotos do arquiteto modernista fundador do Iphan.

Juarez Paraíso, artista plástico e professor, foi eleito para a cadeira nº 39 da Academia de Letras da Bahia, ocupada pelo escritor e professor Edivaldo Boaventura, falecido em agosto de 2018.

Gabriela Rocha, escritora e contadora, lançou *Gabyanna Negra* e *Gorda* pela Éditora Schoba.

O Prêmio Paraná de Literatura 2018, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná e Secretaria da Cultura do Estado, laureou Kzar Alexander, o louco de Pelotas, de Lourenço Cazarré, como o melhor romance (Prêmio Manoel Carlos Karam). Todo esse amor que inventamos para nós, de Raimundo Neto, venceu na categoria contos (Prêmio Newton Sampaio). E Lição da matéria, de Daniel Arelli, foi agraciada em poesia (Prêmio Helena Kolody).

Cultura e Natureza – Áreas Protegidas do Estado de São Paulo: RPPNs, obra que relata a expedição realizada pelo fotógrafonaturalista Silvestre Silva, acompanhado de seus assistentes-viajantes Flávio Ojido e Fábio Brito, que viajaram mais de 9 mil quilômetros numa verdadeira busca por informações e registros visuais e vivenciais, em campo e por diferentes regiões do território paulista, foi lançado pela Editora Bela Vista Cultural.

As Conchambranças de Quaderna, peça de Ariano Suassuna, foi lançada pela Editora Nova Fronteira.

Ronnaldo Andrade e Camac Leon criam a primeira Academia Internacional de Aldravias, que tem como patrono a poeta e artista plástica, de Itabira, Andreia Donadon Leal, com o objetivo de difundir e divulgar no Brasil e exterior a primeira forma de poesia genuinamente brasileira. A entidade contará com o apoio de poetas Adravistas de Mariana.

Guido Bilharinho lançou dois novos livros eletrônicos sobre cinema: Obras Primas do Cinema Europeu e Guerras no Cinema. Blog: guidobilharinho.blogspot.com/ O Painel Permanente de Po-

O Painel Permanente de Poesia Juca Silva Neto, localizado na Biblioteca Pública Municipal "Dr. Antônio Teixeira de Carvalho", no Centro Cultural Hermes de Paula, Praça Dr. Chaves, 32, em Montes Claros (MG), abrigou exposição do poeta Pedro Tostes. Pedro Tostes é autor de o mínimo (2003), Descaminhar (2008), Jardim Minado (2014) e Na Casamata de Si (2018). O Painel recebe inscrições de poetas para exporem suas obras. Tel.: (38) 3229-3456.

Maurício de Souza, membro da Academia Paulista de Letras, foi o patrono da 3ª edição do Prêmio IPL - Retratos da Leitura que foi promovido pelo Instituto Pró-Livro. www.prolivro.org.br



Paulo Veiga

Paulo Veiga, escritor, contador e advogado com Mestrado em Ciência Política, faleceu no dia 2 de dezembro de 2018, em São Paulo. Nasceu em Resende (RJ), no dia 12 de maio de 1934. Romancista, poeta, contista, cronista e autor de livro infantojuvenil

Exerceu os cargos de Diretor Tesoureiro da União Brasileira de Escritores - São Paulo, Diretor Secretário do Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa e de Diretor Secretário da Associação dos Empregados no Comércio de São Paulo. Membro correspondente da Academia Fortalezense de Letras, do Núcleo Clamor por Timor/SP, sócio fundador benemérito do Clube Literário Brasília/DF e sócio benemérito do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor – IDEC/SP.

Foi agraciado com a Comenda Pero Vaz de Caminha pelo Instituto Histórico e Cultural Pero Vaz de Caminha, Medalha Jornalista D'Almeida Vitor - outorgada pela Revista Brasília -, e com Colar de Mérito Cultural, outorgado pela Revista Brasília/DF.

Autor dos livros de poemas Muralhas da Mantiqueira, Alvéolo Poético, dos romances Panteão, Este País Existe?, Caçada Humana, Aplausos a Campesinos e Citadinos, do infantojuvenil O Crocodilo Timorense, de Ideias Fragmentadas (pensamentos), de Incontáveis (crônicas e contos), entre outras importantes obras.

Maria Celeste Consolin Dezotti organizou a obra A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine que foi lançada pela Editora Unesp.